

PREFÁCIO*

Colocar em discussão temáticas, propostas e questões que perpassam o ensino de Biologia nos complexos dias que estamos vivendo é um desafio que os autores e as autoras dos 12 textos que compõem este importante livro, intitulado INTERCULTURALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: “O QUE A BIOLOGIA TEM A VER COM ISSO?”, organizado pelas professoras/pesquisadoras Elaine de Jesus Souza, da Universidade Federal do Cariri (UFCA), Claudiene Santos, da Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assumem com extrema competência.

É importante registrar que estamos vivendo um tempo que se caracteriza não apenas pelas numerosas transformações tecnológicas, que praticamente nos forçam a proceder a muitas assimilações em nossas formas de conduzir e gerir nossas vidas e ações educativas, mas, também, pelo desconcertante e conturbado cenário político e social, que exige que nós, professores/professoras preocupados/as com a produção de um conhecimento comprometido com os contextos e a promoção de transformações sociais, dediquemos especial atenção à discussão de temas que se contraponham às práticas conservadoras, retrógradas, e até negacionistas, que passaram a impregnar medidas administrativas assumidas por representantes do poder público. É preciso marcar que essas tentam coibir avanços historicamente alcançados relativamente a políticas sociais, de saúde pública, de gênero, sexualidade, étnico-raciais, éticas, entre tantas outras. É preciso marcar, também, o papel que os saberes biológicos assumem na (in)formação dos sujeitos para viverem no Antropoceno (Bruno LATOUR, 2018)/Chthuluceno (Donna HARAWAY, 2016), com os temores, desafios e perigos de extinção que este tempo nos coloca.

Os capítulos que compõem esta Coletânea atendem muito adequadamente aos propósitos acima enunciados! Isso porque não apenas escapam de abordagens que impregnaram e, por vezes, ainda impregnam, o ensino das Ciências Biológicas, as quais enunciam “verdades” sobre os seres e o mundo natural, e os modos de alcançá-las, centrando-se em explicações morfo-fisiológicas-classificatórias, mas, principalmente, por ampliarem em muitas direções a compreensão sobre o alcance do saber biológico. E isso

*DOI – 10.29388/978-65-86678-66-6-f.15-18

foi feito, tanto pela incorporação de conceitos decorrentes de investigações científicas que têm constante e necessariamente reconfigurado esse saber, quanto da sua necessária articulação a questões e discussões decorrentes de lutas políticas empreendidas por grupos que reivindicam o reconhecimento de suas identidades.

Como se poderá ver nos textos aqui apresentados, muitas são as dimensões a serem exploradas e incorporadas ao conhecimento biológico, quando se invocam teorizações e práticas implicadas com a problematização da vida na contemporaneidade. Assim, entre as preocupações ressaltadas pelos autores e autoras destes textos, que atuam como docentes/pesquisadores/as em diferentes estados brasileiros, há indagações sobre como a noção de transbordamento zoonótico permite explorar as fronteiras entre as Ciências Biológicas e as Ciências Sociais, defendendo seus/suas autores/as serem as práticas de pesquisa e divulgação científicas testemunhas de socialidades mais-que-humanas, que permitem colocar sob suspeita efeitos do humanismo no uso das categorias “interculturalidade e transdisciplinaridade”, sendo esse o foco da discussão do capítulo escrito por Juliana Silva, Thiago Ranniery e Jorge Marçal.

Preocupações semelhantes estão ressaltadas no estudo de Marlécio Maknamara, no qual são colocados em articulação o educacional, o social, o histórico e o psicológico, através da conexão entre aprendizagens e modos de ser sujeito, pela consideração das variadas instâncias do pedagógico, notadamente as que perpassam a cultura da mídia e a cultura da memória. Já o estudo conduzido por Tássia Bertoldo, Anna Guarany e Lívia Cardoso discute o importante papel que a Biologia tem para o alcance de compreensões sobre a diversidade de gênero e sexualidade, aspecto que ganha relevância, notadamente, após a homologação da supressão desta temática, a partir das alterações procedidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017. E preocupações com abordagens curriculares também motivaram as considerações feitas por Elaine Souza e Claudiene Santos em seu texto “Modos de subjetivação docente: a partir de uma Educação Sexual “além do biológico”, cujo estudo foi conduzido a partir de uma indagação acerca dos modos de subjetivação (e/ou de governamentalidade) (re)produzidos a partir da Educação Sexual incorporada na formação docente em Biologia.

Jimena Furlani é outra autora que adentra nas discussões acerca do papel da Biologia relativamente à Educação Sexual, ao destacar que este campo pode contribuir para a construção de uma sociedade menos precon-

ceituosa. Tecendo críticas ao “determinismo biológico”, tantas vezes invocado para legitimar posições conservadoras, tal como os demais autores e autoras que compõem esta Coletânea, ela sugere que a prática pedagógica docente em Biologia, na Educação Básica, seja aproximada de reflexões das Ciências Humanas e Sociais e, sobretudo, dos Estudos sobre Relações de Gênero. E, para destacar a importância das reflexões acerca da inclusão de gênero na ciência, Alice Pagan narra sua experiência como pesquisadora transgênera, que trabalha no campo da educação científica, especificamente, no ensino de Biologia. Sua proposta é que se coloque em ação uma biologia afetiva. Aliás, Sandro Santos e Elenita Silva abordam esta mesma problemática ao relatarem a pesquisa-cartográfica que realizaram *no entre* a Educação em Biologia e as experiências de pessoas *trans*. Como o autor e autora destacam, essa investigação produziu fios, brechas, territórios, minoridades, funcionamentos outros na educação em biologia, que, apesar de coexistirem com usos *maiores*, têm sido timidamente pensados, movimentados e visibilizados nos espaços-tempos escolares. Aliás, ele/ela argumentam em defesa de uma educação em biologia *menor* para que essa ganhe força, continue re-existindo e se re-inventando.

Já preocupações relativas ao ensino de Biologia Celular são pontuadas no estudo relatado por Ayane Paiva, Rosiléia Almeida e Ana Paula Guimarães, que reúne a pedagogia crítica freireana e perspectivas da vertente Ciência- Tecnologia-Sociedade-Ambiente, intencionando promover a formação humanista crítica dos/as estudantes, a partir de uma abordagem de ensino via Questões Sociocientíficas (QSC). Nesse estudo, as autoras apontam para a relevância da referida abordagem de ensino por essa favorecer a identificação, análise, discussão e crítica de situações que envolvem alterações negativas e problemas ético-políticos do racismo. E as relações étnico-raciais tramadas a gênero e sexualidade também são focalizadas no estudo relatado por Thaís Santana, Marcos Souza e Fernanda Santana, que foi conduzido em uma escola quilombola de Ensino Médio, localizada no Estado da Bahia. Aspectos tais como a hipersexualização dos corpos das mulheres e homens negros e a vulnerabilidade das mulheres, sobretudo em relação à vivência das suas sexualidades nos relacionamentos heterossexuais, foram focalizados neste estudo.

Focalizando tema aproximado a esse, Nilda Neiva e Elenita Silva destacam a importância atribuída ao conteúdo corpo no currículo da Educação Básica, por servir esse tema como suporte para a compreensão dos processos biológicos. As autoras destacam a necessidade dos cursos de forma-

ção de professores/as operarem na (des)construção de conhecimentos hegemônicos sobre o corpo, valendo-se de metodologias de trabalho que nor-teiem as reflexões sobre este tema. Já Viviane Moraes buscou explorar, em seu estudo, modos de interlocução com a linguagem fílmica, focalizando-a como um dispositivo pedagógico que carrega em si o potencial de um exercício estético/filosófico que permita atuar na construção de novas práticas formativas, em novos territórios, bem como de nos auxiliar a (re)pensar a posição que neles ocupamos. Por fim, Aline Nepomuceno, Luiz Ricardo Santos, Viviane Rezende, Bruna Costa e Marynara Santos discutem o papel da mulher pesquisadora nas Ciências Biológicas, a partir de narrativas de trajetórias de mulheres pesquisadoras vinculadas ao curso de Ciências Biológicas (licenciatura e bacharelado), da Universidade Federal de Sergipe, apontando o estudo para a permanência de antigas questões, ainda hoje prementes para a compreensão feminista e de gênero nas Ciências Biológicas.

Ao encerrar essas breves considerações acerca dos estudos que compõem este livro, todos eles decorrentes de investigações realizadas por seus autores e suas autoras, cabe uma vez mais ressaltar que neles são abordadas temáticas relevantes a serem focalizadas no ensino da Biologia nos dias atuais! E essas foram delineadas e examinadas a partir de teorizações diversas e contemporâneas, que contemplam problemáticas que ora se endereçam à educação básica, ora ao ensino superior, ora, ainda, referem-se a artefatos culturais midiáticos. As abordagens metodológicas assumidas são também diferenciadas e as análises dos temas examinados foram conduzidas com extrema propriedade e originalidade, tal como os títulos dos capítulos permitem antever.

Por tudo o que salientei, a partir deste conjunto de aspectos que elenquei, recomendo, fortemente, a leitura deste oportuno e atual livro, a todos/as aqueles/aquelas interessados/as em adentrar e renovar as problemáticas que perpassam o ensino da Biologia.

Boa leitura a todos/as/es!

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2021
Maria Lúcia Castagna Wortmann